

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DE UM MUNICÍPIO PARAIBANO

Autor(a): Ronaldo dos Santos

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: ronaldosantos1101@bol.com.br

Co-autor: Cláudia Costa dos Santos

Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: claudiacostaorientadora@gmail.com

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar as transformações dentro da perspectiva da leitura e interpretação com alunos do ensino fundamental de uma escola municipal de um município Paraibano. No desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a metodologia do tipo descritiva; o modelo de desenho utilizado na pesquisa foi não experimental. O universo estudado compreende professores, coordenação pedagógica e equipe gestora da Escola. Foi verificado que as transformações dentro da perspectiva da leitura e interpretação com alunos do ensino fundamental foi possível vislumbrar alternativas e caminhos para uma efetiva aprendizagem, na qual os docentes precisam ter a convicção de que os alunos são capazes de aprender e de se constituírem leitores e escritores competentes. A pesquisa demonstrou que a proposta pedagógica da escola contempla projetos de leitura e produção textual extensivo a todo período letivo com culminância na feira de conhecimento promovida pela escola com a participação de toda a equipe escolar.

Palavras-chave: Escola, dificuldades de aprendizagem, letramento.

1. INTRODUÇÃO

As crianças não nascem com dificuldades escolares, mas elas aparecem ao longo do processo de aprendizagem, e a dificuldade na leitura e na escrita tem sido reconhecida como um dos fatores que interferem no aprendizado e na autoestima do aluno.

Assim, a postura adotada pelos professores em sala de aula pode ter um papel determinante na superação desta dificuldade. O professor deve transmitir à criança confiança e compreensão e evitar transmitir aflição e agonia diante das barreiras que o aluno apresenta.

É importante que eles transmitam à criança que entendem o seu problema de aprendizagem e busquem métodos adequados para orientar o conteúdo e facilitar a compreensão e o aprendizado.

A dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita é enfrentado por algumas crianças, mas pode ser superada ao longo do processo educacional com a ajuda de um professor bem qualificado e interessado em trabalhar com a criança com dificuldade.

É importante notar que os indivíduos com essa dificuldade possuem outras habilidades e facilidades para aprender, permitindo a compensação e a superação das dificuldades iniciais. Isso indica que estes indivíduos não são “burros” como muitos os rotulam, e que podem alcançar o sucesso em sua vida social e profissional desde que recebam a atenção e orientações necessárias.

Como a dificuldade na leitura e na escrita é um problema frequente nas escolas é necessário que o professor tenha conhecimento sobre o assunto, auxiliando seus alunos no processo de aprendizado.

Objetivo Geral

- Analisar as transformações dentro da perspectiva da leitura e interpretação com alunos do ensino fundamental de uma escola de um município Paraibano

Objetivos específicos

- Constatar a proposta pedagógica da escola no tocante aos subsídios pedagógicos dos projetos de leitura e produção textual.
- Identificar a estrutura da escola quanto à questão da leitura e produção textual
- Verificar a relação família e escola dos alunos que apresentam dificuldades na leitura e escrita.

Justifica-se o presente trabalho a partir da experiência docente e o imenso desejo de aprender e de acertar no trabalho realizado com crianças e pré-adolescentes e suas dificuldades com a leitura e a escrita.

A falta de informação sobre as dificuldades da leitura e da escrita nas escolas agrava a falta de preparo dos professores para que estes possam trabalhar adequadamente com os alunos que apresentam essa dificuldade.

O interesse pelo tema surgiu da constatação de que muitos alunos fracassam na escola principalmente na alfabetização, porque não conseguem identificar letras e sons e, escrevem

conforme pronunciam e ouvem. Por causa disso, acredita-se que esses problemas ocorrem por causa da dificuldade de aprendizagem dos alunos.

No desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a metodologia do tipo descritiva, o modelo utilizado é o não experimental, ou seja, observar fenômenos tal como se produzem em seu contexto natural, para depois analisá-los. A análise de conteúdo e a discussão foram feitas mediante o tipo qualitativo.

2. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA

2.1 A Leitura como Fonte de Conhecimentos

A relação entre linguagem e conhecimento se dá através da prática constante da leitura, pois amplia os horizontes do leitor, possibilita a compreensão de forma concreta, aproximando-o, conseqüentemente, do prazer das novas descobertas e do próprio conhecimento de mundo. Portanto, se a leitura da realidade ao nosso redor se desenvolve através dos nossos sentidos, possibilita-nos a leitura de mundo, o contato direto com os textos, cujas ideias se encontram implicitamente distantes dos nossos olhos, dando margem a um desencadeamento ainda maior de ideias com riqueza de detalhes, organizados pela nossa imaginação.

É tão essencial perceber a importância do conteúdo informativo de um texto quanto compreender os direcionamentos das informações que estão sendo observadas e interiorizadas pelo indivíduo que está lendo. Partindo desses princípios, o indivíduo desenvolve o gosto pela leitura. No entanto, esse gosto precisa ser estimulado ainda nos primeiros anos de escola.

A leitura nos conduz a diversos caminhos, incluindo diversas formas de pensar e repensar a realidade. É através da busca de pensamentos que nós descobrimos leitores do mundo, pois é preciso compreender criticamente o que se lê, para que se lê, e em que a leitura influi a partir da leitura do mundo, do pequeno mundo de cada indivíduo, para depois fluir a leitura da palavra. (FREIRE, 1983, p. 12).

Difícilmente o sujeito (leitor) desenvolve prática de leitura sozinho, por isso faz-se necessário a conscientização por parte de um sujeito (educador) ou alguém que esteja mais ligado a ele. É preciso que ele saiba por que é importante ler e para que ler. Pois, ninguém se descobre leitor, mas sim, lê por algum motivo, ou porque está buscando alguma informação para um determinado fim, ou às vezes, sua vida escolar obriga-o a ler. E, na maioria das vezes essa leitura não traz nenhum sentido para o leitor, levando-o a uma simples decodificação e não a descobrir o sentido do que ler.

É por meio da leitura que o indivíduo desenvolve-se intelectualmente e descobre o seu papel perante a sociedade em que vive. Com a prática intensa da leitura, ele é induzido a pensar, questionar e criticar. Quando lemos, adotamos uma postura diante do texto e construímos um pensamento próprio e analisador. “Situações e fatos são propostos e o interessante despertar para o conhecimento aprofundado desses fatos, no intuito de compreendê-los para questioná-los, e apresentar soluções”. (jornal do MEC, Nº 16; p. 14).

A prática da leitura leva o indivíduo a se descobrir e a se tornar um agente transformador, com capacidade de sonhar e concretizar.

Segundo Vargas, (1993, p. 6), “ler não é apenas enxergar palavras, mas saber decifrar o sentido de uma obra de arte, interpretar a mensagem de um filme ou mesmo de um programa de televisão”.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1983, p.11).

Como já se tem afirmado, a leitura desvenda caminhos, abre horizontes, cria uma cumplicidade entre autor e leitor, mas para haver esta cumplicidade, entrar no mundo do autor, desvendar seus mistérios é necessário que o leitor tenha uma boa leitura do mundo, com a habilidade de mestre que lhe é peculiar no trato da palavra escrita e da alfabetização. Freire (op. cit. p. 11) sintetizou muito bem a relação existente entre a leitura do mundo que deve preceder a leitura da palavra, isto é, “a leitura do mundo antecede o processo da alfabetização ou leitura da palavra”.

Assim sendo, o leitor parte da experiência de sentir o objeto no seu contexto, depois percebe o objeto e, por fim, expressa verbalmente o objeto sentido e percebido. Embora esse processo anteceda e extrapole o ambiente escolar, a escola é, muitas vezes, o lugar privilegiado de leitura para muitas crianças.

Desde seu nascimento, o homem começa a descobrir o seu mundo, percebendo as pessoas, os objetos, a natureza, em fim tudo que se passa a seu redor. Esta descoberta etimológica vai se completando no decurso da história de cada ser. Em outras palavras, leitura como descoberta do mundo faz parte do próprio ato de ler, já que, quando se lê, tem-se outra visão das coisas, da realidade, do tempo, da vida.

Outras razões justificam a importância da leitura. A pessoa lê porque, vivendo numa civilização letrada e sendo sempre solicitada pela palavra escrita, quer

daí desfrutar o prazer da leitura de um romance, de relatórios, descobrindo, através da leitura, a utilidade para solucionar problemas da vida prática. Como na realidade isso não parece acontecer com a maioria dos alunos e alguns professores, a falta de leitura traz algumas consequências inevitáveis tais como:

- Problemas gráficos;
- Pobreza de vocabulário;
- Visão distorcidas dos fatos;
- Má interpretação dos enunciados;
- Dificuldades de expor e ordenar ideias;
- Falta de senso crítico;
- A resistência ou recusa à leitura em sala de aula.

A problemática acentuada acima configura a dificuldade, complexidade e responsabilidade das escolas em estabelecer mecanismos de incentivo à construção do hábito da leitura entre os discentes.

2.2 Produção de Textos

É fundamental que se perceba que a produção de textos é um processo de interação para que os sujeitos tornem-se produtores e realizem ações de reflexão da linguagem escrita. Essa realização parte do contato entre os fatos e a realidade com a história discursiva individual de cada escritor. Para Geraldi (1993, p. 59), “ a produção de textos é o ponto de partida de todo o processo de ensino-aprendizagem da língua, pois, no texto, a leitura se revela em sua totalidade”.

Para produzir um texto, segundo ele, é necessário que se tenha o que dizer; se tenha uma razão para dizer e se tenha para quem dizer; o locutor precisa se constituir como tal, enquanto sujeito que diz o que diz e para quem diz, escolhendo estratégias para tanto. Entretanto, a produção dos textos dos alunos poderá mostrar ao professor como os fatos da língua estão sendo utilizados no momento da escrita, deixando nitidamente perceptível que a reflexão sobre os linguísticos podem auxiliá-lo a escrever melhor e mais adequadamente.

De acordo com o mesmo autor, é indispensável um ensino voltado para o conhecimento e a produção. Para isso professores e alunos devem tornar-se sujeitos que se debruçam sobre um objeto a conhecer e que compartilhem, no discurso de sala de aula, contribuições exploratórias na construção do conhecimento. Neste sentido, ao produzir seus

textos, os alunos revelam o sistema de referência em que interpretam suas experiências. As experiências de vida, sua visão de mundo, devem ser discutidas na sala de aula para buscar novas informações, ocorrendo assim a troca de experiências, o que poderá enriquecer muito “o que se tem a dizer”.

Ao processar o texto, o leitor recupera a intenção do autor, aprofundando-se nos elementos extralinguísticos (conhecimento prévio, objetivos e formulação de hipóteses) e nos elementos linguísticos (micro e macroestrutura). Assim, o aluno vai em busca de informações que formam um conjunto de intenções do autor, para formar um todo com significados, o próprio texto.

O texto será sempre o centro de todo e qualquer trabalho linguístico. Para o exercício constante da leitura e da análise linguística é que o aluno vai fundamentar seu processo de produção de escrita ao explicar os mecanismos, as estratégias utilizadas pelos autores desses textos ao produzir determinado sentido e apontar determinada intenção. (PCNs, 1997, p. 80).

Na escola, todas as atividades de uso da língua em situações comunicativas e contextualizadas contribuem para ampliar hipóteses intuitivas dos alunos sobre o funcionamento da língua e para internalizar os princípios de emprego das palavras, estruturas, variações de linguagem, modos de usar a língua nas diferentes situações. Dessa maneira, os diferentes recursos que a língua oferece para a constituição de diferentes efeitos de sentido são relacionados de acordo com os objetivos e intenções do falante, autor dentro de uma determinada situação comunicativa. Tais recursos possibilitam, também, a busca de sentido e a recuperação dos objetivos e intenções pelo ouvinte/leitor.

Assim, para Costa Val (1994), o texto pode ser definido como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sócio comunicativa, semântica e formal. Tem papel determinante em sua produção e recepção uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilitam que sejam reconhecidos como um emprego normal da língua.

Na produção textual, devem-se levar em conta dois elementos importantes nesse processo, as peculiaridades de cada ato comunicativo: as intenções do produtor; o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro e do outro com relação a si e ao tema do discurso; e o espaço de perceptividade visual e acústica comum, na comunicação face a face. Assim o que é importante em uma determinada situação pode não ser em outra. (COSTA VAL, 1994, p. 6).

É importante ressaltar que no processo de produção de texto, exercícios reflexivos sobre o uso da língua, o significado, as situações em que é usada e seus efeitos de sentido, como domínio consciente dos mecanismos de produção de sentidos do sistema linguístico, fazem com que amplie no aluno a capacidade de uso da língua, e não um mero aprendizado de nomenclatura tradicional de descrição da língua e as normas do padrão culto. Pois, em certos níveis de estudo, a nomenclatura torna-se indispensável e útil para se falar sobre a linguagem, sem, entretanto, perder de vista a sua utilização em um contexto situacional para a produção de sentidos intencionais de um produtor usuário da língua.

O trabalho didático de análise linguística, a partir dessas considerações, se organiza como ponto de partida exploração ativa e à observação de regularidades no funcionamento da linguagem. Isso é o ponto de partida da definição sobre a eficácia ou adequação de certas expressões no uso oral ou escrito, os comentários sobre formas de falar ou escrever, a análise da pertinência de certas substituições de enunciados, a imitação da linguagem utilizada por outras pessoas, o uso de citações, a identificação de marcas da oralidade na escrita e vice-versa, a comparação entre deferentes sentidos atribuídos a um mesmo texto, a intencionalidade implícita em textos lidos ou ouvidos, etc.(PCNs, 1997, p.80).

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no período de 20/02/2016 a 16/12/2016, na escola citada, onde atuamos como profissional da educação básica, e os principais pontos observados na pesquisa foram: o desempenho dos alunos na perspectiva do letramento, a estrutura da escola quanto aos projetos de leitura e produção de textos e a interação da família na escola.

No desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a metodologia do tipo descritiva, pois segundo Sampieri et al. (2006, p. 101): “os estudos descritivos, medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado.

A coleta de dados foi realizada a partir de algumas etapas de trabalho, que poderão ser semelhantes ou distintas no que diz respeito ao tempo determinado para cada uma delas.

A população amostra foi escolhida mediante experiência como professor da educação básica e foi assim distribuída: 33 professores do ensino fundamental, 05 especialistas (equipe técnica) e 03 gestores. A amostra compreende 52% dos professores, 20% dos especialistas e 33% dos gestores. Ela está composta de 17 professores, 01 especialista e 01 gestor de uma única escola. A pesquisa está distribuída em quatro momentos:

No primeiro momento- foi realizado um levantamento bibliográfico para verificar os autores que fundamentam a pesquisa, no eixo da questão da Leitura e produção textual.

No segundo momento – foi realizada uma visita técnica para as observações iniciais e levantamento de dados sobre a organização estrutural da escola.

No terceiro momento - foram elaborados os instrumentos de pesquisa para coleta de dados.

No quarto momento - o material coletado por meio dos questionários e nas entrevistas foi apresentado na forma de relatório devidamente interpretado no conjunto com os demais materiais obtidos.

A partir de então descorreremos sobre os trechos das entrevistas realizadas com Gestores, Coordenadores e Professores da Escola pesquisada, em seguida sobre as análises das falas dos entrevistados fundamentados pelos teóricos abordados neste estudo.

3.1 Resultados e Discursões

As falas dos entrevistados tinham um tom de expansão e expressavam com veemência e, por vezes, como um lamento suas dificuldades, impasses e limitações encontradas no dia a dia de trabalho com alunos com dificuldades em leitura e escrita.

Quando questionados em relação aos materiais e infraestrutura da escola para tratar a questão da leitura e produção textual, diante da fala do gestor: Sim, a nossa escola dispõe de biblioteca, Datashow, internet e espaço físico, demonstra que a escola está bem estruturada, cabendo então aos docentes desenvolverem atividades que possam envolver os discentes em projetos de leitura e produção textual. Tal constatação vemos na fala do coordenador pedagógico: Até certo ponto sim, há na escola alguns livros e um espaço adaptado para biblioteca, contudo nota-se que não há por parte dos professores uma metodologia mais encorpada para se construir leitores. Por outro lado em observância a fala do professor entrevistado há controvérsia a fala do gestor e do coordenador pedagógico: Em grande parte sim, não podemos dizer que temos uma infraestrutura satisfatória, mas com o que temos fazemos acontecer o melhor possível.

O ensino fundamental precisa consistir na melhoria e qualidade de educação, não somente ser um simples transmissor de conhecimento, mas introduzir o aluno a pensar, ser dinâmico e conhecedor de suas habilidades e capacidades cognitivas.

Planejar e pensar andam juntos ao começo do dia, o homem pensa, distribui suas atividades no tempo: o que irá fazer como fazer, para que fazer, com que fazer etc. Nas mais simples e corriqueiras ações humanas, quando o homem pensa de forma a atender suas metas e

seus objetivos, ele está planejando, sem necessariamente criar um instrumento técnico que norteie suas ações.

Essas observações estão sendo expressas apenas para chamar atenção sobre o aspecto cotidiano da ação de planejar e como o planejamento faz parte da vida. Aquele que não mais planeja, talvez já tenha robotizado suas ações, portanto, quem sabe, não tem a consciência de que está fazendo, nem se ainda pode construir alguma coisa. Alguns dizem: "nem preciso mais pensar, eu não necessito planejar, já vou fazendo, por que sei onde vai dar..." e assim por diante.

O professor deve proporcionar aos alunos leituras de acordo com as habilidades que quer que os estudantes desenvolvam. E acrescenta: Para que sejam atingidos os objetivos pretendidos, é necessário que os alunos tenham interesse pelo texto, que os alunos participem ativamente do estudo do texto, que sejam eles a estudar o texto, sob a orientação do professor, e não este a estudar o texto diante de alunos espectadores. (SOARES, 1979, p. 33).

Em relação ao vínculo comunidade e escola, verificamos na fala do gestor: Boa, pois a escola abre as portas para a comunidade escolar, comunga com a fala do coordenador pedagógico: Boa, sempre que há oportunidades, faz-se visitas a escola, além da boa participação dos pais ou responsáveis e conseqüentemente partilhada pela do professor: Mantemos um elo cada vez mais estreito de respeito e amizade com todos.

A escola deve incumbir-se da educação das crianças, adolescentes e jovens com a parceria da família e da comunidade; essa educação deve ser de preferência, transversal e interdisciplinar aos programas escolares; devem ser discutidos, refletidos e reconstruídos regras e princípios que orientam como viver harmoniosamente; os métodos devem ser condizentes com os fins que se pretende alcançar, assim, se a pretensão é formar sujeitos autônomos os meios devem ser baseados no diálogo, na participação, no respeito, na reflexão.

Complementando essa ideia, Serrano (2002, p. 62) aponta que a educação envolve "todas as ações educacionais relacionadas ao desenvolvimento valorativo do sujeito, por isso, deve constituir um âmbito de reflexão individual e coletiva que permita elaborar racional e autonomamente princípios gerais de valor". As principais finalidades da educação para a autora são:

[...] respeito à dignidade da pessoa, aos direitos humanos, e na busca de pessoas autônomas e dispostas a se compreender em uma relação pessoal e em uma participação social. Em síntese, trata-se de desenvolver formas de pensamento sobre temas morais e cívicos cada vez melhores, mas trata-se também de aprender a aplicar essa capacidade de julgamento à sua própria história pessoal e coletiva a fim de melhorá-la. Em suma, o objetivo central da Educação Moral consistirá em assumir firmemente os valores morais como guia das atitudes consolidadas que deverão levar ao cumprimento de normas de conduta. (SERRANO, 2002, p. 66).

Outro ponto analisado nessa pesquisa de campo foi se a escola possui uma proposta pedagógica para leitura e produção de texto numa perspectiva de letramento. Ao verificar na fala do gestor, vimos: Sim, no início do ano a escola se reúne para reformular o PPP, criando o bom relacionamento entre escola e discentes, enquanto na fala do coordenador pedagógico: Não especificamente. No trabalho o professor incorpora sua maneira de acordo com a necessidade apresentada pelo aluno, e para o professor vemos: A Escola possui um projeto de leitura que nos faz acreditar num futuro mais eloquente no que se refere aos pequenos leitores.

Para Ferreiro, a escola tradicional operou uma transmutação da escrita, transformando-a em um objeto exclusivamente escolar, ocultando suas funções extraescolares. Na realidade, “a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola e não o inverso” (FERREIRO op. cit., p.20).

Houve um momento da história da leitura em que ler significava pronunciar em voz alta as letras grafadas no papel. Na visão tradicional, a leitura era vista como uma transformação de sinais gráficos em sonorizações, ou seja, ler significava decodificar letras e fonemas. No entanto teorias mais recentes concebem o ato de ler como atribuição de significados, decorrentes da interação do leitor com as informações captadas no texto e no seu contexto (MICOTTI, 1999). Para Goodman (1987), Aprender a ler implica o desenvolvimento de estratégias para obter o sentido do texto. Implica o desenvolvimento de esquemas acerca da informação que é representada nos textos. Isso somente pode ocorrer se os leitores participantes estiverem respondendo a textos significativos que se mostram interessantes e com sentido para eles (GOODMAN, 1987, p. 21).

Por fim, observou-se na última questão no tocante se a escola está dando importância para formar cidadãos capazes de produzir e ler textos criticamente e se fornece subsídios pedagógicos, os descarregamento dos entrevistados, conforme a fala do Gestor: Total, incentivando e apoiando os alunos a levar livros para casa, do coordenador pedagógico: Sim, as escolas já promoveram projetos de leitura e produção de textos e para tais a mesma dispõe de material de expediente, como papel e lápis e também oferece computadores que auxiliam nos projetos e a do professor: Sim, a escola dispõe de materiais didáticos e paradidáticos que a meu ver são suficientes para vermos consolidar-se essa formação.

Utilizamos a leitura em vários locais e com diversas finalidades em nossas vidas: no trabalho, na escola, no lazer ou em casa. A formação do leitor inicia-se no âmbito escolar e se processa em longo prazo, tendo como mediador o professor, em quem encontramos a

possibilidade de diversificarmos o conhecimento. Esse leitor deve ser compreendido como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e as significações. Pois, os que apenas se relacionam de modo mecânico com o texto, não se constituirão leitores sem um trabalho efetivo. O comportamento do ato de ler não pode ser delegado somente à escola, deve ser uma parceria entre escola e família.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada proporcionou chegar a alguns apontamentos com os quais não temos a pretensão de encerrar esta discussão, pois acreditamos que a continuidade deste estudo trará muitas contribuições para o desenvolvimento das práticas de leitura e de produção de textos.

As análises feitas, permitiram vislumbrar algumas implicações pedagógicas importantes que merecem ser resgatadas, a fim de contribuir com a melhoria das intervenções didáticas com a leitura e a escrita, bem como destacar o papel do professor neste processo.

Os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados, visto que ao analisar as transformações dentro da perspectiva da leitura e interpretação com alunos do ensino fundamental foi possível vislumbrar alternativas de caminhos para uma efetiva aprendizagem, na qual os docentes precisam ter a convicção de que os alunos são capazes de aprender e de se constituírem leitores e escritores competentes.

Constatou-se que a proposta pedagógica da escola contempla projetos de leitura e produção textual extensivo a todo período letivo com culminância na feira de conhecimento promovida pela escola com a participação de toda a equipe escolar. Além do mais, a escola se envolve em eventos a nível nacional, a exemplo a Olimpíada da língua portuguesa que permite o envolvimento dos alunos através de um material rico e envolvente com metodologias diferenciadas.

Em relação à estrutura da escola quanto à leitura e produção textual evidenciou-se através das falas do gestor, coordenador e professor, que a escola dispõe de biblioteca, Datashow, internet e espaço físico, demonstra que a escola está bem estruturada, cabendo então aos docentes desenvolver atividades que possam envolver os discentes em projetos de leitura e produção textual.

Quanto à relação família e escola dos alunos que apresentam dificuldades na leitura e escrita evidenciou-se que há um vínculo harmonioso baseados no diálogo, na participação, no respeito, na reflexão.

Os pontos fortes descobertos e novidades da pesquisa foram os que permitem perceber que as dificuldades, em sala de aula, reportam-se às dificuldades tanto dos alunos em se apropriar da leitura e da escrita quanto às dos professores em criar novas situações de aprendizagem para que os alunos possam construir seus conhecimentos. , podemos concluir que a escola estudada vem dando os primeiros passos para se conseguir uma educação de qualidade na perspectiva do letramento, no entanto percebe-se que ainda há alguns pensamentos divergentes dentro da comunidade escolar que interferem no rendimento dos alunos, pois, o grande desafio da escola pública é unir todos os envolvidos no processo educacional para o mesmo objetivo, que é a formação de cidadãos pensantes e críticos.

5. REFERENCIAS

VARGAS, Suzana. **Leitura: Uma aprendizagem do saber**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993;

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo; Cortez, 1983;

MEC, jornal do. **Ler é um prazer**. (2001, setembro), ano IX, nº 13. Brasília.
_____ Magistério Competente (2002, março), ano XV, nº 16. Brasília. Índios no Campo / Tempo de Leitura (2002, abril), ano XV, nº 17. Brasília;

COSTA VAL, Maria da graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. Texto e Linguagem;

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1997) Língua Portuguesa. Ministério da Educação e do Desporto / Secretaria da Educação Fundamental, vol. 2, Brasília.

GERALDI, João Vanderley. (org) **O texto na sala aula**. São Paulo: Ática, 1993.

SOARES, M. Linguagem e escola – **uma perspectiva social**. 16 ed. São Paulo: Ática, 1999.

SAMPIERI, R. H. et al. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

GOODMAN, Y. (1987). **O desenvolvimento da escrita em crianças muito pequenas**. Porto Alegre.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

MICOTTI, M. C. O. O ensino e as propostas pedagógicas. In _____ (Orgs). **Pesquisa em Educação Matemática: Concepções & Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1999. P. 15-169.

SERRANO, José Carlos Freire. **Eu sou professor**. 2 ed. Rio de Janeiro RJ, Editora: Lucena, 2002.